

Rolezinho: violência e preconceito (RAUL MONTENEGRO)



Encontros de jovens que começaram nos shoppings da periferia de São Paulo se espalharam pelo País e ganharam tons de protesto por causa da reação desproporcional da polícia e da Justiça

TURMA - Jovens como Deivid (à frente, de azul) fizeram fama na internet e foram precursores dos rolezinhos, como o que aconteceu na praça de alimentação do Mauá Plaza Shopping, na Grande São Paulo, no dia 4 de janeiro

NO DIA 13 de junho do ano passado, a reação exagerada da Polícia Militar a manifestações que pediam a redução das tarifas do transporte público em São Paulo serviu de estopim para que centenas de milhares de pessoas saíssem às ruas em todo o País. A atual truculência policial na repressão aos rolezinhos – encontros que jovens funkeiros promovem para se divertir em shoppings e que, algumas vezes, acabaram em tumulto e assaltos – pode levar a uma repetição desse cenário. Com a decisão liminar que alguns estabelecimentos conseguiram na Justiça para barrar esses eventos, multiplicaram-se na internet convocações para rolezinhos de protesto contrários à segregação e à discriminação contra os pobres em diversas capitais, entre elas Brasília, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Recife.

Essas convocações preocupam as autoridades, que temem que o movimento represente uma continuação da onda de passeatas de 2013. Na terça-feira 14, a presidente Dilma Rousseff fez uma reunião de emergência por temer que os blackblocs ou o crime organizado se apropriem dos rolezinhos para criar confusão. Em São Paulo, o prefeito Fernando Haddad disse que quer dialogar com os organizadores para que os eventos sejam feitos em locais públicos em vez de shoppings.



O caso mais emblemático de violência aconteceu no sábado 11, no Shopping Itaquera, zona leste de São Paulo, quando as lentes da imprensa captaram a PM usando cassetetes contra jovens em uma escada rolante. Apesar de alguns participantes terem sido presos por suspeita de roubo, a maioria deles afirma que estava no local apenas para se divertir. Mas esse não foi o primeiro episódio de confusão. Os rolezinhos começaram a ganhar maior notoriedade em dezembro, quando frequentadores de centros comerciais, como o próprio Itaquera e o Internacional de Guarulhos, se assustaram com grupos de adolescentes correndo, gritando e cantando músicas de funk ostentação, a trilha sonora da maioria dos encontros. Depois disso, estabelecimentos conseguiram decisões judiciais proibindo a entrada de menores desacompanhados.

RAIO-X DOS ROLEZINHOS

O QUE SÃO

Encontros onde milhares de jovens se reúnem para fazer amizades, ouvir música e namorar. Mas alguns deles já acabaram em tumultos e roubos



ONDE SÃO FEITOS

Marcados pela internet, acontecem principalmente em shoppings



COMO SURTIRAM

Juntaram características de bailes funk feitos nas ruas da cidade e encontros entre fãs adolescentes e jovens que são populares em redes sociais



QUEM VAI

Até agora, são frequentados pela juventude de bairros pobres, mas estão agendados rolezinhos com ar de protesto social e participação de parte da classe média



Apesar de não mirar diretamente nos funkeiros, as liminares inviabilizaram os rolês e levantaram críticas sobre a garantia de ir e vir dos jovens. Além disso, carregam enorme dose de preconceito, pois, na prática, visam a impedir a entrada de adolescentes da periferia. "É provável que a decisão seja derrubada, porque, para limitar o direito de alguém, você tem que ter uma justificativa muito forte", diz a professora de direito constitucional Tânia Rangel, da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Para ela, pode-se aumentar a segurança para evitar ameaças a pessoas e patrimônios, garantindo os direitos dos shoppings sem ferir garantias da juventude. Outro problema, segundo a professora, é a dificuldade em personalizar responsáveis, já que organizadores não têm de responder pelos atos de quem comparece, e o fato de a Justiça brasileira beneficiar, em muitos casos, os mais ricos. "Nos rolezinhos veio um pouco à tona essa questão preconceituosa. A liminar foi vista como uma decisão que mantém o racismo", diz ela. O antropólogo Alexandre Barbosa Pereira, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), considera que a reação foi exagerada e potencializou a repercussão do caso. "A repressão da polícia e o modo equivocado como os shoppings lidaram com a questão deram essa visibilidade aos rolês", afirma. Até a Anistia Internacional pediu explicações para o que considerou uma discriminação desnecessária e preconceituosa e os rolezinhos ganharam destaque no Exterior.



Em meio aos encontros de centenas de jovens com música, diversão e paquera, vândalos se infiltram para roubar e depredar

Os rolezinhos surgiram juntando características de bailes funk, que há anos acontecem nos bairros pobres da cidade, com encontros nos quais adolescentes conhecem ídolos das redes sociais. Esses "famosinhos" são jovens, também da periferia, que fazem sucesso com meninas na internet. Deivid Santana e Vinicius Andrade, de 18 e 17 anos, que juntos contam com 140 mil seguidores no Facebook, começaram a organizar encontros de fãs porque não conseguiam atender todas as garotas que pediam para conhecê-los. Quando as ruas do Capão Redondo, onde moram, ficaram pequenas para receber tantas admiradoras, mudaram o endereço do evento. "Passamos a chamar de rolezinho e organizamos no shopping Campo Limpo, onde todo mundo vai", diz Deivid. Por que eles são famosos? "É a loucura dos vídeos que a gente faz. A maioria desses boyzinhos são quietões, caretas. Nós da favela já nascemos animados", afirma Vinicius. Nos encontros, os dois ganham presentes como chocolates, ursos de pelúcia e roupas de marca. Antes deles, porém, bailes na rua ou em locais fechados chamados de fluxos ou pancadões de funk já mobilizavam milhares de jovens nos bairros pobres das capitais. Um deles, hoje chamado também de rolezinho, acontece quase todo fim de semana no Bairro dos Pimentas, em Guarulhos. Um dos frequentadores, Daniel, 17 anos, conta que longe das áreas nobres confusões com a polícia são regra, não exceção. "No último encontro, como sempre, os vizinhos chamaram a polícia por causa da música alta." Ele e outros

participantes disseram à ISTOÉ que a PM chegou ao local atirando bombas e disparando balas de borracha na multidão, mas a corporação afirmou que não existem registros de intervenção em que tenha sido necessário o uso desses equipamentos na região. “Essa tensão que a gente vê nos shoppings já acontecia nos pancadões. E como a periferia é heterogênea, dentro das próprias classes populares já existia um conflito com o funk ostentação”, diz o antropólogo Pereira, da Unifesp.



Apesar de terem semelhanças com fluxos, os rolezinhos nos shoppings passaram a ser vistos pelos mais novos como alternativa à confusão dos bailes. “A gente precisa ter mais lugar para ir. Pancadão tem de segunda a segunda, mas não um local para passar a tarde e sua mãe ficar de boa”, diz Beatriz, 13 anos. Jefferson Luis, organizador de um dos primeiros rolês que acabaram com a presença da polícia, em Guarulhos, também reclama da falta de espaços públicos e atividades. “Fora o shopping, aqui a única coisa que posso fazer é jogar bola, empinar pipa e ficar no Facebook. Todo mundo precisa se divertir. É fácil proibir e criticar o funk. Difícil é instruir e fazer um centro cultural para ensinar música para os jovens”, afirma. Esses frequentadores costumam rechazar correrias que assustam outros clientes. Jefferson culpa aqueles que “puxam bonde” – correndo e berrando letras de funk nos corredores – pela confusão que marcou seu evento. “Não tenho nada a ver com quem foi para fazer baderna”, afirma. Ele foi detido mesmo sem registro de crimes. Os próprios participantes dos rolezinhos em São Paulo, porém, reconhecem que, às vezes, arrastões acontecem. “No Itaquera muita gente roubou. Eles querem tênis de mil reais. É uma minoria, mas quando quatro ou cinco assaltam outros querem fazer a mesma coisa e voltar com uma roupa nova pra casa”, diz Augusto Gondim, 16 anos, organizador de um rolezinho programado no shopping Tatuapé.



BARRADOS - Cartaz no shopping JK Iguatemi informa que Justiça proibiu eventos de adolescentes no estabelecimento

Os rolezinhos não são um movimento organizado no sentido de fazer reivindicações. Os próprios jovens negam existir motivação política por trás dos encontros. "O objetivo principal dos rolezinhos é fazer novas amizades, curtir e se divertir. E a gente também pega bastante menina", diz Augusto. Apesar disso, estão ganhando contornos políticos. Eventos que surgem com ares de protesto em todo o Brasil sugerem que os rolezinhos estão incendiando um debate que já existia no País. Em convites feitos pelas redes sociais, muitas vezes por pessoas da classe média, a descrição dos encontros fala que eles são organizados em apoio aos rolês paulistas e em protesto contra a discriminação e a segregação. "Sempre tem uma tendência de setores mais privilegiados para tentar interpretar, mas jovens não querem ser vistos como heróis, vítimas nem bandidos, eles querem ser protagonistas", afirma o antropólogo Pereira. Os protestos convocados para os próximos dias, porém, podem não crescer como os do ano passado, porque muitos dos jovens da periferia devem faltar aos eventos por medo da repressão policial. "É melhor evitar ou fazer encontros com poucas pessoas", afirma a adolescente Beatriz.



Jefferson Luis, organizador de um dos primeiros rolês no shopping de Guarulhos: a polícia foi acionada

As aspirações dessa juventude aparecem nas letras de funk ostentação que embalam os rolezinhos. As canções – que falam de dinheiro, carros e mulheres – mostram um desejo de inserção dos jovens pobres no mercado de consumo. "Não é de hoje que eles estão usando marcas. Os jovens da classe C são maioria entre os frequentadores de shoppings. Nos rolezinhos, eles só foram nos estabelecimentos que estão acostumados a ir", afirma Renato Meirelles, do Data Popular, instituto que pesquisa as classes baixas no País. Ele diz ainda que os produtos que os adolescentes querem ostentar muitas vezes foram comprados nos próprios locais que eles estão sendo proibidos de frequentar. "Os shoppings estão muito preocupados com o consumidor do passado e não estão vendo o do futuro. Eles vão perder muito dinheiro caso não enxerguem isso", diz. Os jovens da classe C movimentam R\$ 130 bilhões por ano, segundo o Data Popular. Jefferson, que vive numa casa de um único cômodo com o restante de sua família, diz que todo mundo quer ter um carro ou uma casa legal, mas que a maioria dos MCs não vive a ostentação. "É sonho, eles querem ter isso um dia", diz. Uma de suas letras é reveladora nesse sentido: "Não é o certo dizer em letras que eu vivo ostentando/ que ando de Hornet, i30, Camaro branco/ e a minha favela cada dia piorando [...] Não tô dizendo que eu quero ostentar/ é que enquanto eu ostento, poucos têm casa pra morar."

RAUL MONTENEGRO escreve periodicamente para esta publicação. **Revista ISTO É, Janeiro de 2014. Fotos: João Castellano/ Ag. ISTOÉ; Renato Mendes/Futura Press, Joel Silva/Folhapress; SILVA/ESTADÃO CONTEÚDO; Robson Ventura/Folhapress; João Castellano/ Ag. ISTOÉ**

Os rolezinhos e o festival de besteiras que assola o país (JOSÉ FUCS)

Ao contrário do que dizem ministros de Dilma, o que os shoppings estão fazendo é proteger o patrimônio e garantir a segurança dos clientes



NO INÍCIO dos anos 1960, o cronista, radialista e compositor Sérgio Porto (1923-1968), mais conhecido pelo pseudônimo Stanislaw Ponte Preta, criou uma expressão que parece feita sob medida para definir os comentários de autoridades de Brasília a respeito dos tais rolezinhos - "o festival de besteiras que assola o país". Ou a sua forma abreviada, o "febeapá".

Em que outra categoria seria possível enquadrar a afirmação da ministra da Igualdade Racial, Luíza Bairros (PT), de que os jovens que participam dos rolezinhos em shoppings são vítimas de "discriminação racial explícita"? De que outra forma poderíamos classificar a afirmação do ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, de que os shoppings estão promovendo uma "discriminação" ao proibir a entrada dos manifestantes?

Por mais que eu tente visualizar o que eles estão dizendo na prática, não consigo encontrar correspondência com a realidade. Eu sou branco, de olhos azuis, como diz o ex-presidente Lula, mas, desde que entrei num shopping pela primeira vez, logo depois da inauguração do Iguatemi, em São Paulo, em meados dos anos 1960, NUNCA vi um negro ser proibido de entrar ou ser discriminado. Também nunca vi isso acontecer com um trabalhador, por mais simples que ele seja.

O Shopping Jardim Sul, em São Paulo, que foi um dos alvos dos rolezinhos, por exemplo, é um dos destinos preferidos pelo pessoal da favela Paraisópolis, na região do Morumbi, nos finais de semana. É lá que muitas famílias da comunidade levam seus filhos para passear, tomar sorvete no McDonald's e até para ir ao cinema. Ao que se sabe, eles nunca foram impedidos de entrar no shopping por causa de sua condição social.

Para mim, o que os shoppings e os lojistas estão fazendo é apenas proteger o próprio patrimônio e garantir a integridade dos consumidores de todas as raças, idades e classes sociais que costumam frequentá-los e que passaram a vê-los como ilhas de segurança no faroeste em que as grandes cidades brasileiras se transformaram. Como empreendimentos privados, os shoppings têm todo o direito de fazer isso e de se precaver contra tumultos, ocasionais ou orquestrados, que podem acabar provocando grandes prejuízos. Ou não?

Embora a *gauche* chapa branca, espalhada pela mídia, pela academia, pelo mundo cultural e até pelos saraus da zona sul, faça coro com os ministros de Dilma e defenda os rolezinhos como manifestações pacíficas contra a elite, é difícil imaginar que uma turba juvenil, infiltrada por militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e outras

entidades ligadas ao PT e outros partidos de esquerda, possa entrar num shopping center sem que haja qualquer contratempo.

Se os rolezinhos realmente fossem uma forma de protesto contra a “opressão capitalista” e contra a “discriminação racial”, como eles dizem, será que os participantes iriam incluir um shopping popular como o de Itaquera, localizado numa das regiões mais pobres e menos desenvolvidas de São Paulo, entre seus pontos de encontro? Provavelmente, não.

Nessas circunstâncias, não vejo nada de errado de os shoppings requisitarem proteção policial e de a polícia agir caso a coisa ameace virar bagunça ou caso os manifestantes tentem forçar a entrada no shopping.

Hoje em dia, no Brasil, qualquer ação policial vira alvo de críticas contundentes, muitas vezes feitas com fins políticos, principalmente em ano eleitoral. Em vez de as críticas serem dirigidas aos que tumultuam ou pretendem tumultuar a vida dos cidadãos, dos trabalhadores, o alvo preferencial é sempre a polícia. Não que a polícia seja perfeita. Não é. Está longe de ser. Mesmo assim, é difícil entender que ela concentre as críticas e que alguns veículos de imprensa estejam sempre mais preocupados com a reação da polícia do que com as barbaridades cometidas pelos manifestantes.

Hoje, muitas autoridades têm medo de que as imagens da ação policial sejam usadas contra elas na campanha eleitoral na TV. Ficam paralisadas, com receio perder votos. Eu estou certo, porém, de que se elas agirem para preservar e defender os direitos da maioria, para garantir o direito de ir e vir da população e para proteger o patrimônio público e privado serão beneficiadas nas urnas.

JOSÉ FUCS escreve periodicamente para esta publicação. **Revista ÉPOCA, Janeiro de 2014.**

O casaco de Marx (MÁRCIA TIBURI)



NO MEIO de outras leituras encontrei “**O Casaco de Marx**” de Peter Stallybrass (muito bem traduzido por Tomaz Tadeu para a editora Autêntica, 2012). O livro é pequeno e fácil de ler, mas tão emocionante em alguns momentos que até fica difícil de ler.

Um grande pensador é aquele que modifica nosso modo de pensar. Essa é a medida: se ele muda o meu modo de pensar, então vale a pena ler sua obra. Lembro de um texto de Marx num dos raros momentos realmente bons na minha velha faculdade de filosofia, em que um professor cujo nome não consigo lembrar de modo algum, pois não ficou por muito tempo entre nós, nos passou os *Grundrisse*. Pensei, está aí um pensador para a nossa época. Dois ou três anos atrás, eu andava na rua com a minha amiga Mônica Waldvogel – que vive estudando Deleuze com o Peter Pál Pelbart – quando ela me disse que estava desconfiada de que Deleuze não seria o pensador para nossa época. Não sei, pois li pouco de Deleuze, mas lembro de ter respondido que Marx continua sendo um pensador para nossa época. Não esqueci o olhar de estranhamento da minha amiga. Continuo, como leitora, acreditando que Marx foi pouco lido tanto do ponto de vista qualitativo, não entendemos – sobretudo aqueles que se aproveitaram de seu pensamento para fins ilícitos, como os nazistas fizeram com Nietzsche – a complexidade do que ele disse. Tampouco o lemos em quantidade. Nem toda a sua obra, nem por tantas pessoas quanto seria desejável... Marx está à nossa espera.

Mas e **O Casaco de Marx**? O Casaco de Marx é um conjunto de ensaios: A Vida Social das Coisas, O Casaco de Marx e O mistério do Caminhar. Cada um deles traz a questão da “sociedade de roupas”, aquela em que, segundo

Stallybrass, as trocas e os valores assumiam a forma de roupas. A roupa era um moeda no século XIX, sobretudo na Inglaterra analisada pelo autor. Era também memória, o que provocou em muita gente, sobretudo quando se trata da roupa dos mortos, o que Stallybrass chama de “terror do traço material”. Ele aproveita para rever o sentido do horror à matéria que parece típico da era cartesiana e pós-cartesiana. As roupas são o traço, a marca que sobrevive ao corpo, elas são o nosso corpo que fica ligado ao nosso corpo que se vai. Mas notem que o autor estava falando de “roupas” e não de “moda”, com a qual infelizmente, muitas vezes, as confundimos. Bibi Barcellos, minha vizinha que costura uns vestidos lindos, me

disse a mesma coisa há um tempo atrás, que o negócio dela era roupa e não moda. Adorei a distinção, a mesma que torna possível o livro do Stallybrass.

No ensaio que dá título ao livro é a materialidade na forma do casaco usado e tantas vezes penhorado pelo autor de *O Capital* que entra em discussão. Stallybrass retoma Marx para mostrar o caráter abstrato do capitalismo. A sociedade capitalista é aquela que perdeu seu vínculo com a matéria enquanto ao mesmo tempo ilude que não. Essa ilusão se chama “mercadoria”. Ela parece concreta, mas é abstrata. O capitalismo é uma grande abstração do mundo: um tipo de vampiro que devora corpos humanos concretos. A mercadoria é o que devora o corpo humano sempre rebaixado a trabalhador, proletário, prostituta. Todos objetos do capitalismo junto com as coisas que não são mais coisas concretas, mas meras abstrações. O casaco de Marx é um fato concreto que mostra a abstração da particularidade material que pode ser usada na direção do valor “suprasensível”, aquele que pode ser trocado ou penhorado. Marx foi um homem que escreveu sua obra impressionante em condições paupérrimas: ele mesmo se deu conta de que era incrível que alguém que falasse tanto de dinheiro tivesse tão pouco dele. É de chorar o que Stallybrass conta sobre a estadia de Marx em Londres na época da pesquisa para *O Capital*.

Ele conta das várias vezes em que Marx não podia sair à rua no inverno porque não tinha roupas, tinha penhorado o casaco para ter o que comer e dar de comer à sua família. Conta das roupas penhoradas de Marx, de sua mulher e filhas e dos objetos domésticos que salvavam a vida de um intelectual sem recursos. Não fazemos ideia hoje de como a prática da penhora foi comum antes da existência dos bancos. O penhor de ontem é o cartão de crédito de hoje...

Sempre fomos devorados pelo capital... continuamos sendo quando compramos coisas de que não precisamos, quando fazemos empréstimos para pagar tranqueiras como carros e outras bugigangas. Somos iludidos pelo fetiche das mercadorias, daí consumimos... enquanto somos consumidos. Stallybrass nos ajuda a ver em seu pequeno livro que existem dois fetiches. Um que é a memória, o símbolo, o conteúdo da coisa que não se reduz à coisa enquanto mercadoria e outro que é o fetiche da mercadoria que não tem nada a ver com as coisas que significam alguma coisa para nós, mas que, para o capitalismo, são apenas a isca usada para nos capturar na sua rede avarenta.

Assim Stallybrass aperfeiçoa a questão do fetiche em Marx que, segundo ele, ficou mal colocada nos fazendo perder justamente a materialidade das coisas para a forma de sua abstração como mercadoria. Assim é que o livro é uma leitura delicada de Marx, mas sobretudo vale por nos fazer prestar mais atenção às coisas que nunca são apenas “meras” coisas.

MÁRCIA TIBURI é graduada em filosofia e artes e mestre e doutora em filosofia. Publicou diversos livros de filosofia, entre eles “As Mulheres e a Filosofia” (Ed. Unisinos, 2002), *Filosofia Cinza – a melancolia e o corpo nas dobras da escrita* (Escritos, 2004); “Mulheres, Filosofia ou Coisas do Gênero” (EDUNISC, 2008), “Filosofia em Comum” (Ed. Record, 2008), “Filosofia Brincante” (Record, 2010), “Olho de Vidro” (Record 2011), “Filosofia Pop” (Ed. Bregantini, 2011) e *Sociedade Fissurada* (Record, 2013).
Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/01/o-casaco-de-marx/>. Acesso em Janeiro de 2014.

As cabeças cortadas e o banquete (MALU FONTES)

A VIOLÊNCIA brasileira estreou nos últimos dias mais um capítulo da sua série macabra de atrocidades: um vídeo feito por presos do Complexo Penitenciário de Pedrinhas, em São Luís, no Maranhão, o estado brasileiro que há cinco décadas funciona como uma capitania hereditária da família Sarney, mostrando em close, e narrado em detalhes sórdidos, companheiros de cadeia decapitados e escalpelados em partes do corpo. Para que esse vídeo veio à tona? Foi um Deus nos acuda. O que não faltaram foram sensíveis indignados por terem sido submetidos a imagens tão violentas – como se alguém tivesse sido obrigado a vê-las – e quase nada incomodados com a realidade que as gerou.

Nessa terra do tudo que é a das redes sociais, onde o “eu acho” adquire cada vez mais tons de veredicto de tribunal, a arquibancada barulhenta dividiu-se em 3 correntes. A dos coxinhas, para usar a palavra da moda, apegados ao mantra dos “direitos humanos para humanos direitos” e à crença de que Deus, as cercas elétricas e os carros blindados vão dar conta do seu bem-estar. A dos sensíveis, chocados e com ânsias incontroláveis de vômito virtual por acharem um atentado ao estômago imagens tão violentas. E a dos pretensamente mais sofisticados: os críticos do jornal que divulgou o vídeo inicialmente, acusado de sensacionalista, antiético, desonesto e movido pelo lucro fácil gerado por informações desse tipo.

O argumento dos primeiros é o de que é pouco, bom e doce presos arrancarem a cabeça um dos outros, pois, assim, se autoexterminam logo e deixam a sociedade dormir em paz. Santa ignorância achar que a violência das cadeias com suas cabeças cortadas e o incêndio de ônibus e de inocentes, crianças incluídas, não são duas faces de uma mesma moeda. Já os chocados com a violência do vídeo atribuem à janela a responsabilidade pela paisagem. O que indigna é a veiculação do vídeo medonho, não as circunstâncias de Pedrinhas, onde, somente em 2013, houve quase 70 assassinatos. Quanto ao argumento dos que acusam a imprensa de torpe por veicular decapitados tão somente movida pela multiplicação do número de cliques e views em suas versões on line, é engraçado que não se veja as mesmas críticas contundentes à natureza comercial da publicação de centenas de gigabytes de informação diária inócua, visando views, sim, incluindo os veículos mais respeitados. O que mais se vê nos sites noticiosos são textos patéticos sobre mililitros de silicone de brothers and sisters e manchetes ridículas criadas a partir de fotinhas idem de famosos em suas redes.

A sangue frio, com o perdão do trocadilho, não se sabe o que surpreende mais: se é a governadora Roseana Sarney declarar sem pudor que a violência atingiu esse patamar porque o Maranhão tá rico, ou se o leitor de jornais partir da

inocência, ou da ignorância, de que qualquer veículo de imprensa com plataforma na web adote o franciscanismo e desconsidere o potencial de clicagens e page views ao decidir o que vai publicar. E se o vídeo de Pedrinhas não deveria ser veiculado porque atinge o estômago das polianas de plantão, que tal ter nojo da realidade social brasileira? Mas, não. Nas arquibancadas rasas e perigosas da web (tomando emprestado um termo do ator Dan Stulbach), há até gente condenando repórteres que fazem perguntas contundentes a algum membro do clã Sarney, pois isso seria um desrespeito ao eleitor, já que Sarney pai e Sarney filha foram eleitos pelo voto popular.

Ah, tá. Será que, em nome desse respeito ao eleitor dos Sarney, o jornalismo deveria poupar críticas a Roseana por seu banquete? Um edital recente, cancelado após o barulho gerado pela imprensa, anunciava o gasto de R\$ 1 milhão pela governadora para abastecer o palácio com toneladas de lagostas, camarões e congêneres.

MALU FONTES é Doutora em Cultura pela UFBA, jornalista e professora de Jornalismo da mesma Universidade. **Jornal CORREIO, Janeiro de 2014.**

Covardia chique (LUIZ FELIPE PONDÉ)

SABEMOS todos das críticas comuns ao capitalismo. Injustiça social, viramos mercadoria. Sonhamos com um mundo no qual todos terão praia sem trânsito, com areia e água igual para todos. Mulheres e homens se amariam sem ciúmes e também amariam outros animais e plantas de forma igualitária e com respeito. Um mundo no qual todos viveriam numa mistura de Islândia e França, com clima italiano.

Vulcões não engoliriam civilizações, tsunamis não invadiriam a terra, jacarés respeitariam os direitos humanos. Mulheres não desejariam mais de um vestido, homens não teriam medo da impotência. Todos integrados num sistema autorregulativo de paz e amor. Críticas de uma mente infantil.

A melhor crítica à sociedade de mercado foi feita por seu maior defensor, Adam Smith (século 18). Tradutor de Rousseau, Smith discutiu com ele a corrupção do caráter causada pela sociedade comercial. Rousseau entendia que a corrupção era política e seria resolvida com remédios políticos: revolução, destruição da cultura e técnica, frutos do mundo baseado em trocas comerciais, uma nova pedagogia que deixasse a harmonia e beleza da natureza humana inata se manifestar de novo na sua integração com a harmonia e beleza da natureza a nossa volta. E, assim sendo, de novo, voltaríamos ao mundo no qual o homem acordaria, caçaria de manhã, almoçaria ao meio-dia, escreveria um livro à noite, sem um tsunami ou inveja sequer.

Para Smith, a corrupção é moral, e não política. Interessante ver como aquele para quem a sociedade comercial era um trunfo humano a ser preservado, será o mesmo homem para quem o risco dessa mesma sociedade será muito mais difícil de curar do que para nosso filósofo da vaidade, Rousseau. Smith temia que a sociedade de mercado causasse um enfraquecimento das virtudes heroicas. A perda dessas virtudes (coragem, disciplina e força), causada por uma vida baseada na produção de riquezas materiais e consequente riqueza de bens imateriais (hoje materializados em leis luxuosas sobre direitos, desejos e liberdades numa sociedade baseada em escolhas individuais contra sociedades que esmagam esta escolha sob a bota de modelos coletivistas tradicionais, religiosos ou marxistas), apareceria na covardia generalizada e no vício do bem-estar, material e imaterial.

Se a URSS tivesse ganho a Guerra Fria, seríamos todos pobres e ninguém teria esses luxos materiais e imateriais. O capitalismo deixou todo mundo frouxo. Logo, o enriquecimento produz homens e mulheres covardes em larga escala porque produz demandas de luxo generalizado. Para Smith, o homem moderno poderia vir a ser um covarde viciado em seus pequenos luxos. No entendimento do nosso iluminista escocês (o iluminismo britânico é infinitamente mais sofisticado do que o francês, o único ensinado no Brasil tacanho de nosso dia a dia), somos capazes de benevolência e empatia (ou simpatia), e buscamos uma certa imparcialidade em nossos julgamentos morais por percebermos como ela é importante para o convívio racional.

Entretanto, a virtude heroica da sociedade de mercado, pensava ele, era a autonomia, não a pura kantiana, mas a capacidade de assumirmos nossas decisões morais na vida alimentada por nosso desejo de sermos donos de nossa vida material, na medida do possível. Ele bem sabia o quão duro é ser assim. Sempre foi. Mas a corrupção do caráter, baseada nos ganhos materiais e imateriais do bem-estar, nos tornaria uns frouxos. E isso aconteceu. E esta frouxidão se materializa numa demanda interminável de facilitação da própria vida.

Logo, vamos exigir a abolição do trabalho como direito. Ganhar a vida com o suor do rosto sem garantia de retribuição será considerado contra os direitos humanos. O novo crescimento do socialismo rosa-choque, inclusive em líderes como Obama, é fruto dessa corrupção. Smith previu as bases para o surgimento do pensamento de Marx e Gramsci: a corrosão do caráter causada pelo enriquecimento das sociedades e suas demandas de supressão das condições reais da vida como dor, luta e trabalho sem garantias.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, "Contra um mundo melhor" (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2014.**

Crianças transtornadas ou mimadas? (CONTARDO CALLIGARIS)

NAS ÁREAS urbanas do mundo ocidental, entre 8 e 10% das crianças do primeiro ciclo são diagnosticadas com TDA/H (Transtorno do Déficit de Atenção - com ou sem Hiperatividade). O que significa, grosso modo, que elas não conseguem focar, são constantemente distraídas e, quando hiperativas, não param de se movimentar.

Sabe aquelas crianças que, na hora de ler ou estudar, são atormentadas por coceiras irresistíveis, rolam de um lado para o outro da cama, batucam, acham que a camiseta está apertada ou que é urgente abrir a janela (ou fechá-la)? Pois é, essas mesmo. Elas atrapalham a classe inteira, exasperando pais e professores. E, de fato, o transtorno é, antes de mais nada, uma queixa dos adultos, os quais, às vezes, pedem que médicos, psicólogos e pedagogos façam "alguma coisa" - pelo amor de Deus.

Mas não só os adultos pagam a conta: as crianças com déficit de atenção e hiperativas não aprendem a metade do que aprenderiam se ficassem sentadas e focadas. Várias experiências mostram que só é possível combinar pensamento (ou aprendizado) com agitação física à condição de ser um pensador (ou um aluno) medíocre. Alguns dizem que tudo isso acontece porque não sabemos mais disciplinar nossas crianças. Não queremos correr o risco de contrariá-las e de perder seu amor e, com isso, somos absurdamente permissivos; logo, insatisfeitos com nossa própria permissividade, tentamos corrigi-la com erupções de severidade descabida. Essa alternância piora a tensão e a agitação física e mental das crianças.

Enfim, diante do TDA/H, três estratégias possíveis:

1) sugerir mudanças no comportamento das crianças e dos adultos ao redor delas (há pequenos gestos que fazem uma diferença: organizar o trabalho escolar, acalmar e ordenar o ambiente familiar, desligar a TV durante as refeições);

2) entender os conflitos internos que talvez se expressem na falta de atenção e na hiperatividade da criança e tentar intervir;

3) medicar (descobriu-se que os melhores remédios não eram calmantes, mas estimulantes como Ritalina ou Dextedrina). No começo dos anos 1990, nos EUA, uma grande (e apressada) pesquisa chegou à conclusão de que medicar era o caminho mais eficiente - certamente, era o mais barato.

Hoje, vários autores daquela pesquisa duvidam de suas próprias conclusões. Lamentam, por exemplo, que a gente, apostando nos remédios, tenha deixado de se ocupar do resto, que talvez fosse mais importante a longo prazo ("New York Times" de 30/12/2013). Mas o artigo do "NYT" não é uma novidade: numa matéria da "Der Spiegel" em 2012 (<http://migre.me/hqR7i>), Leon Eisenberg, um papa da psiquiatria norte-americana, encorajava os psiquiatras a voltar a se interessar pelas "razões psicossociais" que levariam a um "problema de comportamento", como o TDA/H. Infelizmente, ele comentava, o interesse por essas questões leva tempo, enquanto prescrever uma pílula é coisa de um minuto.

Nota aparte: para muitas crianças diagnosticadas com TDA/H, a falta de atenção depende da atividade na qual elas se engajam. Quase nunca falta a concentração exigida por um videogame, como não faltam a atenção esperada do goleiro ao longo de uma partida ou a paciência do surfista que aguarda uma onda, no fundo. Ou seja, o déficit de atenção não é uma inaptidão cerebral. Mas a pesquisa dos anos 1990, abençoando o uso sistemático da medicação, atrasou o trabalho de todos, terapeutas comportamentais, psicanalistas etc.

Um artigo de 2007 (<http://migre.me/hqROf>) retoma uma tese antiga, que insiste desde os anos 1990, e que fala mais dos efeitos do TDA/H do que de sua origem: o TDA/H lutaria contra o sentimento de rejeição pelos pares, porque pensar é uma atividade solitária (com riscos de discórdia), enquanto é rápido e fácil se enturmar ao redor de ações e movimentações físicas. Enfim, resta um círculo vicioso clássico. Tal criança morre de tédio assim que abre um livro ou entra num museu; agora, sem cultura para enriquecer a experiência, é a vida dela inteira que se tornará mortalmente chata —inclusive a agitação que deveria garantir a distração.

CONTARDO CALLIGARIS é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2014.**

A tragédia maranhense (FREI BETTO)

POR DESCASO do governo Roseana Sarney, o Brasil e o mundo assistem a uma tragédia no Maranhão. Na penitenciária de Pedrinhas, em São Luís, 62 presos foram assassinados nos últimos meses, muitos deles degolados. As imagens estão na internet.

O Alto Comissariado de Direitos Humanos da ONU pediu que o governo brasileiro apure a chacina de Pedrinhas. É bom lembrar que, em novembro de 2013, o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, declarou que, no Brasil, "é preferível morrer de que ficar preso". Nosso país abriga, hoje, cerca de 515 mil detentos. Muitos sem culpa formada. A maioria dos encarcerados vive amontoados promiscuamente, sem que o sistema de segurança impeça a prática de delitos de dentro para fora da cadeia.

Como explicar celulares nas prisões? Em nenhum aeroporto se consegue passar no controle eletrônico portando o aparelho. Ora, sabemos que os agentes penitenciários são mal pagos, insuficientemente preparados para a função, o que

torna muitos vulneráveis à corrupção. Assim, os presídios se transformam em queijos suíços, cheios de buracos pelos quais entram celulares, drogas e armas. Há diretores e funcionários de penitenciárias que resistem aos bloqueadores porque ficariam sem contato externo via celular. O crime agradece ao corporativismo...

De dentro de cárceres, presos comandam o crime, como as extorsões telefônicas, em que a vítima cai no trote de que um parente está em mãos de bandidos. Das celas da penitenciária de Pedrinhas, facções criminosas teriam ordenado a queima de ônibus, que resultou na morte de uma menina. O Brasil clama por uma reforma do sistema prisional que adote novos métodos de ressocialização dos detentos. Insisti nesse tema, junto ao Ministério da Justiça, nos dois anos em que assessoriei o presidente Lula. Em vão.

Vivi dois, dos quatro anos em que estive encarcerado (1969-1973), como preso comum. Em São Paulo, na penitenciária do Estado, no Carandiru e na penitenciária de Presidente Venceslau. Constatei, na prática, como não é difícil recuperar presos comuns. Basta saber ocupá-los. Não com faxina, ajudante de cozinha ou capinando, como é frequente. Seis presos políticos, misturados a 400 comuns, promovemos grupos bíblicos, grupo de teatro, oficinas de arte e curso supletivo de madureza (hoje, segundo grau). Mais de 100 detentos foram beneficiados por aquelas iniciativas, e vários se ressocializaram.

Cada presídio poderia ser transformado, em parceria com a iniciativa privada, em escola de informática, culinária, idiomas, formando também encanadores, eletricitas, mestres de obras etc. O nó da questão é que o governo não tem real interesse na ressocialização de presos comuns. Quem estiver interessado nas razões dessa absurda omissão leia Michel Foucault.

CARLOS ALBERTO LIBANIO CHRISTO, 69, o Frei Betto, é assessor de movimentos sociais e escritor, autor de "Diário de Fernando - nos Cárceres da Ditadura Militar Brasileira" (Rocco), entre outros livros. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2014.**

Maquiavel em duas lições (RENATO JANINE RIBEIRO)



NÃO há filósofo mais mal-entendido do que Maquiavel. E isso não porque tenha escrito coisa difícil de compreender; seu livro mais conhecido, *O príncipe*, é incomparavelmente mais fácil de se ler do que qualquer obra de Kant ou Hegel. Mas, se entendemos tudo o que ele diz, não é simples compreender o que ele quis dizer. Durante quatrocentos anos, os especialistas o leram ao pé da letra, acreditando que defendia o poder a todo custo, inclusive o da supressão da moralidade; nenhum scholar hoje partilha essa opinião, ainda que continue dominante entre quem nunca leu Maquiavel. Mas uma coisa sempre foi certa: não é dele a frase segundo a qual os fins justificam os meios.

A grande questão d'*O príncipe* é: existem repúblicas e monarquias, e entre as monarquias há as antigas e as novas. O livro discute somente as novas. Porque, quando o poder é antigo, ou quando foi conferido pelo povo, as pessoas não veem muito problema em obedecer. Mas, se o poder foi conquistado há pouco, falta-lhe o que chamaríamos de legitimidade: a disposição mental dos súditos de respeitar o governante. E isso se agrava quando o governo novo foi instaurado não com armas próprias, mas alheias.

Por que esse caso raro – não na Itália de 1500, mas no resto do mundo sim – se torna assim decisivo? Porque nele se capta a essência da Política – sua capacidade de criar, quase do nada, a legitimidade, a capacidade que tenha o governante de construir, quase do nada, a obediência. Não é pela força, porque o príncipe em questão não dispõe de armas suas. É pelas ações, pela palavra, por uma persuasão escorada em alguma violência do governante, que acima de tudo precisa ser bem usada. Ao contrário do que se imagina, a mera força de nada serve. O que é necessário é o que vai além da força bruta ou física e se chama poder.

Se Maquiavel começa o livro especificando seu campo de interesse – o regime não republicano, mas monárquico; que não é antigo, mas novo; que não foi obtido por armas próprias, mas alheias – ele praticamente o conclui com uma distinção que mais ou menos se sobrepõe a esta. No penúltimo capítulo d'*O príncipe*, afirma que dos resultados de nossas ações pode-se dizer que metade vem da *fortuna* (mais ou menos, o acaso, a sorte, boa ou má), metade da *virtù*. Para ele, essa palavra não significa virtude moral, e por isso os estudiosos preferem citá-la em italiano, a fim de preservar o sabor maquiaveliano. A *virtù* seria a excelência do príncipe, do condottiere, ao saber como enfeixar em suas mãos os fios descosidos do destino. Tem *virtù* quem sabe, em uma situação adversa ou apenas devida à sorte, tornar-se senhor. Vejam o exemplo que dá Maquiavel: tempestades arrasam pontes e estradas, eis a *fortuna*; mas, depois, o homem refaz o que foi destruído, tornando-o mais resistente ao azar, eis a *virtù*.

O que faz então o príncipe, não digo o ameaçado pela má sorte, mas o que deve seu status apenas à boa sorte, sem mérito próprio, sem forças armadas suas que o defendam? Ele deve ser habilíssimo. Cada gesto seu precisa estar dirigido à construção de um poder que impressione. O grande exemplo de Maquiavel está em Cesare Borgia, quando esse príncipe novo por excelência – que deve sua posição apenas à sorte de ser filho de papa – ganha a Romagna, então assolada por bandidos. Nomeia um preposto, Ramiro dell'Orco, para que acabe com eles, o que Ramiro faz com energia e crueldade. A região está pacificada, mas Cesare ficou com fama ruim. Para sanar o entrave, Cesare manda matar, de forma cruel, seu próprio delegado, Ramiro. O corpo dele, ensanguentado, no centro da capital da Romagna, basta para mostrar que o príncipe pode ser terrível e bom. Um gesto teatral fortalece Cesare Borgia.

Antes sortudo, agora ele tem poder próprio. Falta falar dos fins e meios, mas isso ficará para a próxima coluna. Maquiavel vale bem dois meses.

RENATO JANINE RIBEIRO é professor titular de ética e filosofia e filosofia política da Universidade de São Paulo (USP). **Revista PSIQUE, Janeiro de 2014.**

Péssimo, mau gosto (GREGÓRIO DUVIVIER)

Caro Cardeal arcebispo,

Vossa Eminência disse em vosso Twitter que o especial de Natal do Porta dos Fundos era de "péssimo mau gosto". Poderia dizer que V. Em^a cometeu um pleonismo, pois na palavra "péssimo" já está incluída a palavra "mau", mas vou supor que V. Em^a tenha "redundado" propositalmente, para fins estilísticos. Entristece-me, pois gostaria que o nosso especial de Natal tivesse agradado a todos (embora o homenageado em questão não tenha agradado).

O que me consola é que não somos os primeiros a termos o gosto julgado mau ou péssimo ou ambos pela vossa Igreja. Na realidade, arrisco-me a dizer que estamos em boa (e vasta) companhia. Entre os numerosos condenados, está um astrônomo de nome tão redundante quanto a vossa expressão. Como V. Em^a deve saber, não foi a teoria heliocêntrica que causou a condenação de Galileu Galilei. Copérnico já havia dito que a Terra girava em torno do Sol e a Igreja não se importou. O que provocou a ira papal foi o humor.

Para defender o heliocentrismo, Galileu criou um diálogo fictício entre um personagem sábio, Salvati, e um personagem imbecil, Simplício. O sábio acreditava que a Terra girava ao redor do Sol e o imbecil achava o contrário. O livro foi um sucesso retumbante. E a Igreja vestiu a carapuça do imbecil. Galileu foi obrigado a negar tudo o que havia dito para escapar da fogueira. Negou e ainda assim foi condenado à prisão perpétua.

Giordano Bruno, contemporâneo de Galileu, acreditava que o universo era infinito. Negou-se a se negar. Foi queimado vivo. Somente em 1983, quase quatro séculos depois, o Vaticano absolveu Galileu, provando ter um sistema judiciário ainda mais lento que o brasileiro. Apesar da retratação tardia, o gosto episcopal continua controverso.

Acho um péssimo mau gosto, por exemplo, V. Em^a ser contrária ao sacerdócio de mulheres, ao uso de métodos contraceptivos, ao aborto de fetos anencéfalos, ao aborto em casos de estupro, ao amor entre pessoas do mesmo sexo, à eutanásia e às pesquisas com célula-tronco.

Contudo, confesso que, apesar de nossas divergências, não pude deixar de ficar feliz em saber que o Porta dos Fundos está sendo assistido na arquidiocese. Peço que V. Em^a, futuramente, não pule aqueles anúncios que antecedem o vídeo, para que nós ganhemos um cascalhinho. Obrigado pela atenção e, como diria Jesus, desculpe qualquer coisa.

GREGÓRIO DUVIVIER é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2014.**

"Rolezinhos" em shoppings devem ser coibidos? Sim

O SEU, O MEU, O NOSSO "ROLEZINHO" (ANDREA MATARAZZO)

OS "rolezinhos" tornaram-se o assunto deste verão. Os encontros de um número expressivo de jovens em shoppings de São Paulo são considerados por muitos como uma espécie de continuação das manifestações de desencanto e indignação de junho passado.

Há, de fato, aspectos em comum. Como as passeatas a céu aberto contra a péssima gestão do Estado brasileiro, os "rolezinhos" reúnem participantes que marcam o encontro previamente pelas redes sociais. Em ambos, grupos oportunistas de vários matizes ideológicos procuram pegar carona na notoriedade desses movimentos.

No caso dos "rolezinhos", comerciantes e frequentadores dos shoppings e, depois, a sociedade foram pegos de surpresa. Pois, assim como as manifestações de inverno, a moda do verão surgiu inesperadamente e se tornou o tema predominante das últimas semanas. Mas há diferenças que não podem ser desprezadas. O rastilho de pólvora das manifestações foi o aumento do preço do transporte urbano e, depois, o movimento ganhou corpo com outras reclamações difusas. Não há, no caso atual, um discurso unificado de reivindicações. Não há nem sequer uma reivindicação expressamente declarada.

Recentemente, jovens marcaram um "rolê" em Itaquera a pretexto de diversão. Houve reação dos proprietários de shoppings e das autoridades. Isso acendeu o debate com vezos políticos e ideológicos. Muitos a favor, muitos contra. A sensação que fica é que apoiar os "rolês" é de esquerda e condená-los é de direita. Isso é ridículo, pois interdita o debate, não traz solução. Aliás, é o que vem ocorrendo em diversas frentes: o debate morre, reduzido a ideologia de almanaque ou a meras disputas entre quem é o "bonzinho" e quem é o "mauzinho".

Não faz sentido ideologizar ou politizar os "rolezinhos". Ser ou não ser politicamente correto não é nem deve ser a questão. O que temos de defender é a integridade física das pessoas que frequentam locais públicos ou privados de uso coletivo. Também não se pode deixar de lado evidências como o fato de que grupos de mil jovens ou mais (independentemente da classe social, credo ou bairro) em espaços inadequados podem provocar se não depredações e agressões, como já ocorreu, sustos, correrias e atropelos.

A sociedade demanda códigos e padrões de comportamento para que os direitos de todos sejam assegurados. Da mesma forma que não se deve andar de skate em hospitais nem conversar durante um espetáculo, não é aceitável superlotar casas de eventos para não se repetirem tragédias como a da boate Kiss. Em recintos fechados, não é razoável dar margem a tumultos que ponham em risco a segurança das pessoas.

A liberdade de marcar encontros pela internet é uma novidade que demanda cuidados. Uma chamada pode reunir 20 ou 20 mil pessoas. Como controlar uma multidão sem um mínimo de planejamento e organização? Em São Paulo, qualquer evento que reúna determinada quantidade de pessoas, por lei, exige ação da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), do Corpo de Bombeiros, do Samu (Serviço Atendimento Médico de Urgência) e da Polícia Militar.

Eventos sem as medidas de cautela necessárias podem provocar desastres. Como esvaziar um shopping lotado em caso de incêndio? Em caso de tumulto, como evitar acidentes com pessoas mais velhas ou com alguma deficiência? Como proteger as crianças? Como prevenção, é preciso, com bom senso, coibir aglomerações e correrias em qualquer local sem a estrutura necessária. Ou seja: seu "rolezinho" termina onde começa o do outro, pois a liberdade de cada cidadão é delimitada pela dos demais.

ANDREA MATARAZZO é vereador (PSDB-SP). Foi secretário municipal de Serviços e de Subprefeituras (gestão José Serra/Gilberto Kassab) e secretário estadual da Cultura (gestão Geraldo Alckmin) de SP. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2014.**

"Rolezinhos" em shoppings devem ser coibidos? Não

UM BOM NEGÓCIO (TATIANA IVANOVICI)

NO PAÍS da ascensão econômica, o "rolezinho" é uma oportunidade de negócios mal aproveitada. Enquanto se gasta dinheiro com mídia para atingir consumidores, o "rolezinho", se transformado em um evento cultural, economizaria esforços. Seus organizadores nada mais são que formadores de opinião. O público-alvo, os participantes, já estão reunidos e, não à toa, durante as férias escolares. O que nos impede de criar ações para ensinar esses jovens a produzir um evento, a montar um projeto e apresentar aos donos dos shoppings?

Se as classes populares são formadas sobretudo por negros, como se pode reprimir a estética dessas pessoas? O nosso povo consome, e já faz tempo, a sua própria cultura, criada de dentro para fora das periferias –os saraus, o futebol de várzea, o samba, o rap, o funk, etc. Os jovens vão ao shopping porque aprenderam que lazer é consumo. Mas um país não sobrevive só de consumo. É preciso educação e preparo para lidar com o dinheiro. As quebradas já entenderam isso e estão buscando o estudo, os cursinhos. Mas a educação formal não acompanha essas mudanças, não dialoga com o universo dos jovens da periferia, não ensina como é gostoso o sentimento de vitória.

No Brasil da economia emergente, falar de dinheiro é mais tabu do que falar de sexo. Uma marca associada ao "rolezinho" conquistaria milhares de pessoas simplesmente por visar o crescimento humano, o bem coletivo. Isso é o negócio social, é o progresso compartilhado. Todos ganham: povo, empresas, poder público. A massa prefere o que exalta a gente renegada. Gosta dos estilos musicais que possuem características negras. O funk, por exemplo, estourou no Brasil com o tamborzão: batida eletrônica criada com percussão de candomblé e capoeira.

Mas, infelizmente, o Brasil é o país do racismo velado. Pergunte-se quantos negros trabalham na mesma empresa que você. Todos os movimentos culturais negros foram reprimidos. Até 70 anos atrás, um negro que andasse na rua com um pandeiro debaixo do braço era preso. Existem muitos eventos que podem ser potencializados nas periferias. Atualmente, muitos jovens das classes A e B querem ir para a quebrada curtir um samba. A periferia é "hype", lança tendências e gírias que chegam aos Jardins. O "rolê" não está ligado apenas à falta de lazer, mas também à falta de mobilidade entre a periferia e o centro expandido de São Paulo.

Só quem vem do sofrimento sabe o que significa não ter opção. Vive-se num limbo. É um esforço quase sobre-humano se destacar: você começa a vida dez anos atrás de quem teve educação. Quem vem da quebrada não ganhou mesada, não foi treinado para se comportar no mundo. A invisibilidade é o motor propulsor do "rolezinho", que é um pedido de socorro: estamos aqui e queremos oportunidades.

A proibição do "rolezinho" só marginaliza nossa juventude. Aliás, quais são os critérios para enquadrar seus participantes? A aparência e a cor da pele? E mais, quem será o responsável por definir quem deveria e quem não deveria ser barrado nas entradas dos shoppings? E se os encontros fossem marcados por jovens brancos das classes A e B? Quais seriam os critérios? A cor da pele?

A minha atitude tem reflexo na sua vida, caro leitor, e vice-versa, pois nós compartilhamos a cidade, as ruas, os shoppings. Precisamos de autoanálise, urgentemente. Ser honesto é pressuposto, não é mérito. Precisamos encarar os problemas com tolerância para acharmos soluções em conjunto. Essa juventude é, no limite, uma imensa força de trabalho que, se direcionada, vai mudar o Brasil.

TATIANA IVANOVICI, 35, empreendedora e jornalista, é diretora da rede DoLadodeCá (www.doladodeca.com.br), plataforma de comunicação popular. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2014.**

A nova libertação sexual da mulher (MÔNICA TARANTINO e MICHEL ALECRIM)

A chegada de quatro remédios destinados a aumentar o prazer sexual feminino promete combater pela primeira vez na história as dificuldades mais comuns enfrentadas por elas



UMA em cada duas mulheres brasileiras sente que seu desejo sexual não é tão intenso quanto ela gostaria, não fica tão excitada quanto esperava ou enfrenta dificuldades para chegar ao orgasmo. Extraída pela psiquiatra Carmita Abdo, criadora do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em seu "Estudo Sexual da Vida do Brasileiro", a informação escancara a realidade da vida sexual feminina no País. E ela está de acordo com o que se observa na maior parte do mundo.

"Temos os mesmos índices de dificuldades sexuais de outros povos", afirma Carmita, internacionalmente reconhecida como uma autoridade em sexualidade humana. As mulheres, no entanto, estão prestes a ganhar fortes aliados contra esse problema. Quatro novos remédios devem chegar ao mercado com a promessa de ajudar a mulher a encontrar o prazer na cama. Será a primeira vez que ela terá à disposição uma pílula com esse objetivo. Em um paralelo histórico recente, os remédios terão, para a mulher, a mesma importância que o Viagra, lançado em 1998, teve para o homem. O que se espera é que os medicamentos não só ofereçam a elas um salto de qualidade no sexo, mas também auxiliem a trazer à tona a discussão sobre como as mulheres lidam com seu corpo, seus medos, suas indagações – a exemplo do que ocorreu em relação às questões do público masculino quando do lançamento da famosa pílula azul. Enfim, os próximos anos registrarão a mais nova revolução sexual feminina.

FRANQUEZA - A psiquiatra Carmita diz que os novos remédios estimularão debates reveladores sobre sexualidade

Na semana passada, a indústria farmacêutica britânica Orlibid anunciou o mais recente passo nesse sentido. A companhia informou que, em abril, iniciará a realização de testes em mulheres com um derivado da melatonina, hormônio com ação em diferentes funções orgânicas. A regulação do sono é a mais conhecida, mas há indícios

de que baixas concentrações estejam associadas à perda do desejo sexual. "Calculamos que, iniciados os testes, em dois anos estaremos no mercado se as expectativas de eficácia se confirmarem", disse à ISTOÉ Mike Wyllie, consultor para a pesquisa do novo medicamento e um dos cientistas que participaram do desenvolvimento do Viagra.

Lybrido

Aumenta a motivação sexual e a resposta fisiológica de mulheres na pré-menopausa com baixo desejo e inibição da excitação associados à insensibilidade de sistemas cerebrais de responder a estímulos sexuais

Contém sildenafil, a substância ativa do Viagra. Ela bloqueia a ação da enzima PDE-5 e estimula o fluxo sanguíneo na área genital. Possui também 0,5 mg do hormônio testosterona, para aumentar o interesse sexual

Promete efeitos por cerca de 4 horas após o pico de concentração da droga no sangue

Lybridos

Do mesmo laboratório do Lybrido, associa 0,5 mg de testosterona a 10 mg de bupiriona. Enquanto a testosterona age melhorando a motivação para o sexo, a bupiriona atua no córtex pré-frontal, reprimindo mecanismos de inibição sexual

Desenvolvido para o tratamento de mulheres com falta de desejo provocada por inibição sexual e de experiências sexuais negativas

Os testes finais a serem realizados em 2014 com as duas formulações, Lybrido e Lybridos, estão em discussão entre os pesquisadores e a agência reguladora americana FDA

Flibanserina

Age em neurotransmissores cerebrais. Ela aumentaria a dopamina e a norepinefrina (relacionadas à excitação sexual) e diminuiria a serotonina (associada à inibição sexual)

Recentemente, novos estudos com mulheres na pré-menopausa foram enviados ao FDA para responder a questionamentos do órgão sobre a eficácia do remédio

Em testes, 9,6% das mulheres que usaram a droga desistiram por sentir sonolência, tonturas e náuseas

AS OPÇÕES PARA AUMENTAR O DESEJO FEMININO

Conheça os remédios que devem chegar ao mercado a partir de 2015

ORL101

É um derivado sintético do hormônio melatonina projetado para produzir efeito positivo sobre o desejo sexual

Estudos anteriores com uma versão injetável causaram fortes náuseas. Em comprimido, o efeito colateral relatado pelo laboratório é a redução do apetite

Destinado a aumentar a libido por duas horas se for consumido entre 5 e 15 minutos antes do ato sexual

Os pesquisadores sugerem que poderá ser usado por mulheres com disfunção sexual e por quem deseja turbinar a satisfação

OUTRAS SUBSTÂNCIAS PROMISSORAS EM ESTUDO



Há diversos medicamentos em pesquisa para melhorar a vida sexual feminina. O Libigel, aplicado uma vez por dia na parte superior do braço, é indicado para mulheres na pós-menopausa com baixo desejo, mas seus resultados têm sido insatisfatórios. O Tefina, em teste nos

Estados Unidos, Canadá e Austrália com mulheres que apresentam dificuldade de chegar ao orgasmo, pode ser ministrado em gotas nas narinas, duas horas antes do sexo. Também se estudam remédios como o bremelanotide e a apomorfina, entre outros

Em fase bem mais adiantada estão dois remédios criados pelo holandês Adriaan Tuiten, presidente do laboratório Emotional Brain. Eles entram em fase final de testes entre abril e maio. Nos últimos meses, Tuiten apresentou os dados obtidos até agora à Food and Drug Administration (FDA), agência americana que regula remédios, e à EMEA, entidade europeia de mesma finalidade. "Discutimos aspectos dos estudos", disse à ISTOÉ. A primeira medicação é o Lybrido. Trata-se de uma combinação da sildenafil (mesmo princípio ativo do Viagra) com o hormônio masculino testosterona. A queda nos níveis da substância está relacionada à baixa libido. A associação dos dois compostos aumenta o impulso sexual e promove o entumescimento da vulva, preparando o corpo feminino para o sexo. É endereçada a mulheres com alterações na percepção dos estímulos sexuais pelo sistema nervoso central. A segunda droga une a testosterona a um ansiolítico, a buspirona, para diminuir os níveis de serotonina (uma das substâncias cerebrais que fazem a comunicação entre os neurônios e cujo desequilíbrio está na origem da depressão). Quantidades elevadas reduzem o desejo por sexo, um efeito colateral bem documentado por causa da popularização de antidepressivos como a fluoxetina (Prozac).

METADE DAS BRASILEIRAS SOFRE COM A FALTA DE DESEJO E TEM DIFICULDADE PARA SE EXCITAR E CHEGAR AO ORGASMO

Há ainda a flibanserina, que promete regular compostos cerebrais associados à excitação (dopamina e norepinefrina) e à inibição sexual (serotonina). "Essa ação melhora o desejo e a satisfação", disse à ISTOÉ Cindy Whitehead, presidente da americana Sprout Pharmaceuticals. Em dezembro, novos estudos com mulheres na pré-menopausa foram enviados ao FDA para responder a questionamentos do órgão sobre a eficácia do remédio. Um deles é que teria mostrado um efeito menos importante do que as substâncias placebo usadas nos estudos para medir sua eficácia. "Devemos ter clareza sobre os próximos passos até o fim do primeiro trimestre de 2014", informou Cindy.

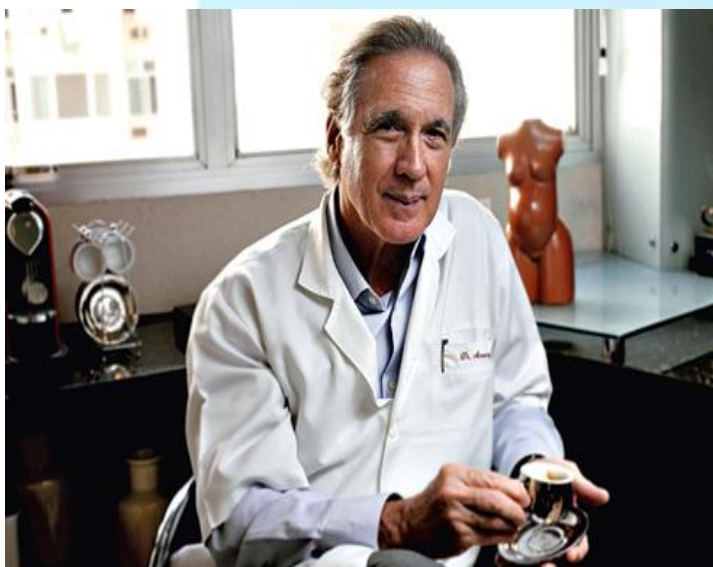


ABORDAGEM - No consultório, Maria do Carmo lida com os diversos aspectos do desejo da mulher

A criação desse gênero de remédios só foi possível com o aprofundamento do conhecimento sobre os caminhos fisiológicos e emocionais que marcam a sexualidade feminina. Hoje são conhecidas as mudanças físicas desencadeadas pelo desejo e as razões orgânicas que podem acabar com ele. Alterações no funcionamento da glândula tireoide, por exemplo, estão na raiz de dezenas de casos de mulheres que perderam o desejo sexual. Do ponto de vista emocional, estão fatores como problemas de relacionamento com o parceiro, estresse, o tipo de educação recebida e a dor de uma traição. No Centro de Referência e Especialização em Sexologia do Hospital Pérola Byington, em São Paulo, funciona um grupo voltado só para mulheres que foram traídas. "Elas vão para esse tipo de terapia quando esse episódio influencia a falta de desejo", explica a obstetra e terapeuta sexual Tânia das Graças Santana, de São Paulo. Criadora do serviço, ela defende a expansão de centros semelhantes, que acolham todas as nuances da sexualidade feminina.

O sexólogo Amaury não crê que apenas doses de testosterona possam devolver o prazer delas

Essa plêiade de fatores deixa claro que, assim como acontece com os homens, a vida sexual da mulher é pautada por múltiplos fatores. Portanto, seria ingênuo pensar que apenas os novos remédios serão completamente responsáveis pela felicidade sexual feminina. "Não temos como conceber uma pílula mágica do desejo. A libido é complexa", diz a psicóloga Maria do Carmo Andrade Silva, do Rio de Janeiro, especialista em terapia sexual. "A testosterona sozinha não vai transformar a mulher em potência sexual", concorda o ginecologista e sexólogo Amaury Mendes Junior, secretário-geral da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana.



Mas os estudiosos do tema asseguram que a chegada das medicações promoverá impactos profundos, assim como ocorreu no lançamento da pílula anticoncepcional, na década de 1960. Ela sozinha não significou um passe livre para o prazer, mas abriu a primeira porta para isso ao permitir que a mulher tivesse relações sexuais sem o medo de engravidar. Com as drogas do desejo, serão muitas as repercussões. "A primeira delas será corrigir o problema em mulheres saudáveis, nas quais a falta de libido ou excitação não está relacionada a causas conhecidas, como doenças ou problemas de relacionamento", diz Carmita Abdo, que nesta semana apresentará mais um perfil sexual do brasileiro, baseado em uma comparação do comportamento de casais do Brasil com o de outros de 36 países. As medicações também poderão prolongar a vida sexual de mulheres que enfrentam as mudanças hormonais da menopausa e da fase que a antecede, quando a tendência é o desejo sexual diminuir.

POR QUE A VONTADE DE FAZER SEXO PODE CAIR ENTRE AS MULHERES

Doenças e uso de medicamentos

A primeira atitude dos especialistas é rastrear a presença de distúrbios que possam levar à baixa do desejo, tais como problemas no funcionamento da glândula tireoide, depressão e transtornos de ansiedade. Além disso, o uso de alguns antidepressivos pode também levar ao problema

Alterações hormonais

Níveis baixos de testosterona contribuem para a libido reduzida e a resposta orgásmica prejudicada em mulheres. A partir dos 20 anos, há redução lenta e progressiva desse hormônio e da dehidroepiandrosterona (DHEA). Ambos são hormônios masculinos responsáveis pela motivação sexual e também produzidos pelo organismo da mulher

Dor na penetração

As alterações hormonais no climatério e na menopausa resultam em diminuição da lubrificação e na atrofia da mucosa vaginal, levando à dor durante a relação, o que prejudica a vontade de fazer sexo. Estão disponíveis várias terapias, desde lubrificantes até a fisioterapia do assoalho pélvico, bem como medicamentos específicos (como cremes com estrógeno)

Relacionamentos desgastados

Falta de atração sexual, motivando dificuldades de relacionamento com o parceiro ou a parceira, está na origem de muitos casos de falta de desejo. O mesmo pode ocorrer quando a mulher perde a admiração ou se sente desrespeitada de alguma forma. A falta de confiança da mulher em seu parceiro, após traição, é outro motivo que leva à perda de vontade de se relacionar sexualmente com ele

Relacionamentos muito longos

A acomodação e a rotina trazidas por relações de longa duração podem afetar negativamente o interesse sexual

Gravidez

Muitas mulheres relatam perda de desejo sexual durante a gravidez. No pós-parto, a falta de interesse em sexo pode ser explicada pelos cuidados intensivos com o bebê, mas também pelo aumento de prolactina, se a mulher está amamentando. É um hormônio responsável pela produção de leite e que baixa os níveis de testosterona. Outras passam a não querer mais ter relações depois de terem filhos, por associarem o sexo à reprodução

Menopausa

Nessa fase o declínio da testosterona e da DHEA é bastante acentuado, podendo afetar o desejo da mulher. Além disso, sintomas característicos da menopausa ("fogachos", sudorese, mudanças no humor, baixa qualidade do sono) tendem a prejudicar a disposição para o sexo

Fadiga

O cansaço e o estresse atuam como inibidores do desejo sexual. Também impedem o relaxamento, podendo causar dor na penetração, o que aumenta o desinteresse pela relação sexual

O IMPACTO DAS PÍLULAS DO PRAZER DEVERÁ SER TÃO IMPORTANTE QUANTO O REGISTRADO DEPOIS DO LANÇAMENTO DOS ANTICONCEPCIONAIS NA DÉCADA DE 1960

Em doses maiores, a sildenafila não pode ser usada por pacientes cardíacas usuárias de óxido nítrico ou nitratos, pois potencializa seus efeitos. A melatonina é desaconselhada para gestantes e mães em fase de amamentação, pela falta de estudos confiáveis nessa população. Já a buspirona não é indicada na gravidez sem orientação médica. Em doses maiores, não deve ainda ser usada por pacientes com histórico de crises convulsivas. Em relação à testosterona, o ginecologista Amaury Mendes Junior considera que sua reposição para mulheres precisa ser feita com muita cautela. "Doses exageradas podem ter efeitos como aparecimento de pelos no rosto, inchaço dos seios, crescimento de clitóris e alteração na voz." Quanto à flibanserina, alguns dos efeitos colaterais, como fadiga, tontura e náusea, já foram registrados nas pesquisas. "Os compostos desses remédios atuam no sistema nervoso central e no sistema endócrino. Não é uma brincadeira inocente", adverte a psicoterapeuta Iracema Teixeira, presidente da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana.

É por essas razões que os remédios deverão ter indicação criteriosa. O cuidado é necessário para que os novos medicamentos não prejudiquem a saúde e não joguem a mulher em outras armadilhas, como a de acreditar que por receberem um estímulo químico sejam obrigadas a ter um desempenho excepcional na cama. "A mulher não pode ser vítima da ditadura da performance sexual", afirma a historiadora Mary Del Priore, autora do livro "Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil". As medicações estão sendo desenvolvidas para aumentar o prazer, e não a carga de deveres.

Outra transformação esperada é que as próprias mulheres acabem falando mais francamente de suas dificuldades. "Se o especialista tem um tratamento para oferecer, as pacientes ficam mais motivadas a contar suas queixas", diz Carmita. Além disso, quem for ao médico apenas para tomar o remédio e não obtiver o efeito esperado muito provavelmente vai querer discutir por que não funcionou, abrindo uma discussão sobre outras causas possíveis. "Tudo virá à tona", afirma a psiquiatra. A discussão tomará corpo também fora do consultório. "Deverá haver um melhor acolhimento do desejo feminino na sociedade", prevê a médica e psicanalista Sônia Eva Tucherman, filiada à Associação Psicanalítica Internacional.

Do ponto de vista prático, há uma discussão sobre quem poderá tomar as novas medicações e sobre suas contraindicações. Ainda não há respostas completas às duas indagações, mas, a contar do mecanismo de ação das drogas, é possível inferir algumas conclusões.

COMO RECONHECER A FALTA DE LIBIDO



Ausência persistente ou recorrente de desejo e excitação para praticar sexo, levando a sofrimento, angústia e dificuldades pessoais

As disfunções sexuais podem se apresentar também como dor durante a estimulação ou na penetração vaginal, dificuldade de manter a excitação ou de atingir o orgasmo. Na mulher, é comum que uma dificuldade sexual (falta de excitação, por exemplo) se sobreponha a outra (inibição do orgasmo)

MAIS COMUM DO QUE SE IMAGINA

- No total, estima-se que aproximadamente 50% das brasileiras de todas as idades tenham algum tipo de dificuldade sexual
- 5,8% das jovens brasileiras se queixam de falta de libido
- Entre as mulheres acima de 60 anos, 19,9% têm inibição do desejo sexual
- Apenas um terço das brasileiras recorrem à masturbação para chegar ao orgasmo

Fonte: "Estudo da Vida Sexual do Brasileiro", coordenado pela psiquiatra Carmita Abdo, do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

1934

As americanas experimentavam o absorvente interno, que começou a ser produzido no Brasil em 1974. Com isso, as mulheres se viram diante da necessidade de tocar a área genital, o que até hoje é tabu para algumas



1960

A pílula anticoncepcional foi aprovada pelo FDA (órgão americano que regulamenta os remédios e alimentos). No Brasil, a pílula chegou em 1962



1970

Na década de 1970, a mulher entrou de vez no mercado de trabalho. Isso deu a ela mais autonomia e poder sobre sua sexualidade



1998

Surgiu o primeiro medicamento para disfunção erétil. Produtos similares foram lançados anos depois. A recuperação da capacidade de ereção teve impacto também na vida sexual das mulheres

2015

A partir desse ano vários medicamentos para o tratamento da falta de desejo e de excitação feminina devem chegar ao mercado. Estima-se que haverá grande aumento na procura de atendimento para tratar dessas dificuldades



Os limões de São Paulo (CRISTIANE SEGATTO)

Como persistir no projeto de viver melhor quando a cidade não ajuda

Grandes cidades marcadas pelo crescimento desordenado exigem um esforço extra de quem virou o ano com a promessa de viver melhor em 2014. Tudo conspira contra a determinação de se mexer mais, comer melhor ou simplesmente respirar. Amo São Paulo, tenho raízes bem fincadas nesta cidade absurda, mas todos os dias lamento o fato de que ela produz doença.

Vivemos confinados num espaço que se assemelha à Porta do Inferno de Dante. Somos os condenados da escultura de Auguste Rodin. Padecemos amontoados em círculos exíguos e sofremos diferentes danações de acordo com o peso dos nossos pecados. Nosso maior pecado, cometido coletivamente, é querer trabalhar onde existe mercado. Por esse delito, somos castigados com um cardápio variado de punições. Uma das condenações mais perversas é a de gastar metade de nossos dias, ano após ano, em deslocamentos imbecis.

Massas inteiras moram de um lado da cidade e trabalham de outro. A ligação entre os dois pontos é feita com sofrimento. Em filas de carros que se arrastam pelos congestionamentos ou em transporte coletivo ineficiente. É vida que se perde. Horas que não voltam. Como manter, num cenário desses, a determinação de colocar a saúde em primeiro lugar? Se falta tempo, se falta ar, se falta espaço público, como não sucumbir ao esgotamento físico e mental? Para ser minimamente saudável em São Paulo, é preciso ser um forte. Forte no sentido de persistência e resistência.

Morro de inveja de cidades onde os moradores podem se apropriar dos espaços públicos. Queria ser gaúcha para me exercitar todas as manhãs na pista construída na margem do Rio Guaíba. Ou cearense para caminhar, no final da tarde, na Avenida Beira Mar. Ou capixaba para fazer hidroginástica no mar, em Vitória, com professores pagos pelo município. Gostaria de viver em Paris ou Londres para usar os parques como bem entendesse. Para me esparramar na grama e tomar sol, fazer alongamento, namorar, abrir minha marmita e almoçar antes de voltar para o escritório.

Isso é pedir muito? Em São Paulo, parece que sim. Há alguns anos, fui repreendida por um segurança do Parque da Água Branca, na zona oeste, porque estendi uma toalha sobre a grama e abri um livro. Soube, com espanto, que lá era proibido deitar na grama. Voltei ao parque num outro dia, com outro livro e uma nova estratégia: deitar sobre um banco. De novo, um segurança me mandou levantar. O pavor de ver mendigos esparramados sobre bancos, muretas e calçadas leva muitos administradores a criar regras medíocres. Para disfarçar um problema social, cria-se outro: a perda de qualidade de vida de todos os cidadãos.

Em São Paulo, é assim. Para deitar na terra, para ter o mínimo de contato com a natureza, você precisa pesquisar antes quais são as regras do lugar. Felizmente, há administrações e administrações. Algumas são menos tacanhas que outras. Agora, quando tenho a suprema ambição de deitar na grama e abrir um livro sem ser incomodada, escolho o Parque Villa-Lobos. Todos os dias São Paulo nos empurra muitos limões. Para manter o mínimo de qualidade de vida, é preciso fazer deles limonada. Cidades assim precisam de soluções coletivas, mas não existe motor mais eficiente para as mudanças necessárias que a ação individual.

Nesses tempos de comunicação instantânea, cada boa ideia pode ser conhecida e reproduzida com um simples clique. Influenciar pessoas é algo que está ao alcance de todos. Cada tentativa individual de viver melhor pode ser multiplicada e se tornar um fenômeno coletivo. Precisamos encontrar formas de fazer bom uso do tempo e da disposição, mesmo vivendo num moedor de carne megalomaniaco. Uma ótima solução individual foi discutida aqui pelo meu colega Danilo Venticinquê. Ele escreve sobre as vantagens de aproveitar o tempo gasto no transporte coletivo para ler ou ouvir livros.

Proponho outra possibilidade de aproveitar esse tempo. Que tal planejar a alimentação da semana? Comer melhor depende de planejamento. Criar um cardápio com as refeições da semana inteira ajuda na escolha de opções mais saudáveis e evita o desperdício de alimentos. Costumo montar o cardápio da semana no sábado ou no domingo. A família se reúne para escolher o que comer nos próximos cinco dias. Pensamos em combinações equilibradas de proteína, carboidrato e vitaminas. Não é complicado. Basta imaginar um prato vazio. Metade dele deve ser preenchido por folhas, legumes, vegetais variados. Um quarto será ocupado por uma proteína (peixe ou carne ou frango ou ovo etc). O quarto restante abriga o carboidrato (arroz ou massa ou batata ou purê ou mandioca etc).

A partir da ideia do prato dividido, basta soltar a criatividade. É importante chegar a um acordo sobre as escolhas para tentar respeitar as preferências individuais. Com os pratos e os ingredientes definidos, é só fazer as compras. Quanto mais frescos os produtos, mais saborosas e nutritivas serão as refeições. Não é difícil pensar num cardápio desses durante os deslocamentos de ônibus ou de metrô. Basta anotar as escolhas num bloquinho ou no celular. Desde que adotamos essa prática, quase não há desperdício de ingredientes em casa. Compramos só o necessário.

Sem planejamento, é difícil melhorar a qualidade da alimentação. Quem chega em casa com fome, abre a geladeira e pega a primeira coisa que encontra, quase sempre come mais e pior. Pensar num cardápio com antecedência não significa engessar a vida ou torná-la sem graça. Sempre deve haver espaço para mudar de ideia ou chutar o balde de vez em quando. Planejamento excessivo soa tão doentio quanto a total ausência dele. Por razões de qualidade de vida pessoal e coletiva não é mais possível aceitar o desperdício de tempo e de alimentos nas grandes cidades.

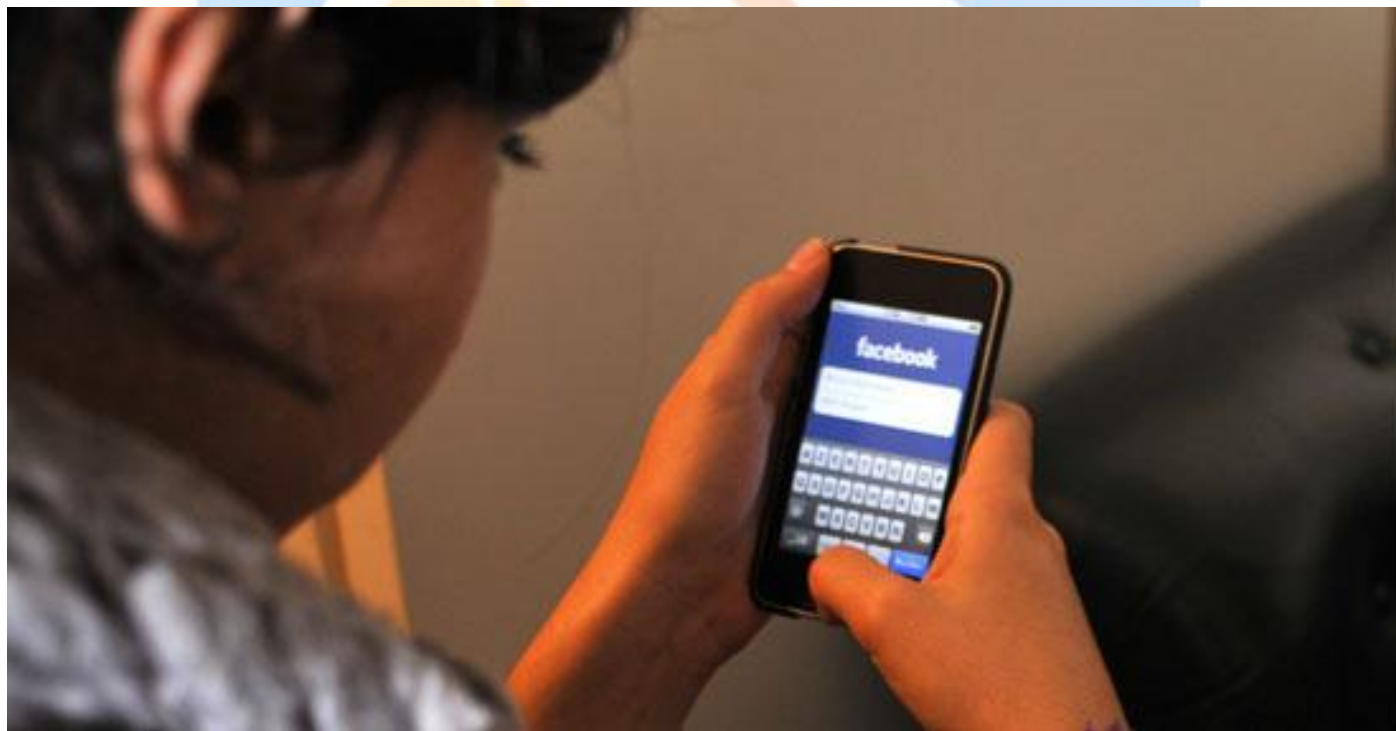
Em São Paulo, boas iniciativas contribuem para o melhor uso dos produtos. Um grupo de chefs de cozinha – entre eles Alex Atala – criou um movimento chamado Disco Xepa. Os voluntários percorrem as feiras livres na hora da xepa para

recolher alimentos descartados. Resgatam quilos e quilos de vegetais próprios para o consumo que, apesar disso, iriam para o lixo. Segundo o grupo, 64% dos alimentos plantados no país são descartados ao longo da cadeia produtiva, inclusive nas feiras livres. Depois de recolhidos, os alimentos são preparados e servidos gratuitamente na rua ao som de bandas e DJs. O próximo evento será em fevereiro. O local ainda não foi definido.

Há mais de dez anos, o SESI mantém o Programa Alimente-se Bem. Em aulas gratuitas, a equipe ensina a tirar o máximo proveito de folhas, caules e outras partes dos vegetais que, em geral, são descartadas. O cardápio da família muda, enriquece e a conta do supermercado diminui. São soluções acessíveis a qualquer um. Para viver melhor, não basta querer. Em cidades com funcionamento doentio, como São Paulo, é preciso planejar, persistir e resistir. Que o ano nos traga disposição!

CRISTIANE SEGATTO é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Janeiro de 2014.**

A ilusão das redes sociais (DULCE CRITELLI)



No mundo virtual, as amizades são feitas e desfeitas com a rapidez de um clique

O narcisismo, a superficialidade e o distanciamento, entre outras características das relações virtuais, formam pessoas cada vez mais individualistas e egoístas

É INDISCUTÍVEL o importante papel que as redes sociais desempenham hoje nos rumos de nossa vida política e privada. São indiscutíveis também os avanços que introduziram nas comunicações, favorecendo o reencontro e a aproximação entre as pessoas e, se forem redes profissionais, facilitando a visibilidade e a circulação de pessoas e produtos no mercado de trabalho. A velocidade com que elas veiculam notícias, a extensão territorial alcançada e a imensa quantidade de pessoas que atingem simultaneamente não eram presumíveis cerca de uma década atrás, nem mesmo pelos seus criadores. Temos sido testemunhas, e também alvo, do seu poder de convocação e mobilização, assim como da sua eficiência em estabelecer interesses comuns rapidamente, a ponto de atuarem como disparadoras das várias manifestações e movimentos populares em todo o mundo atual.

Portanto, não podemos sequer supor que elas tragam somente meras mudanças de costumes, porque seu peso, associado ao desenvolvimento da informática, é semelhante à introdução da imprensa, da máquina a vapor ou da industrialização na dinâmica do nosso mundo. As redes sociais provocam mudanças de fundo no modo como as nossas relações ocorrem, intervindo significativamente no nosso comportamento social e político. Isso merece a nossa atenção, pois acredito que uma característica das redes sociais é, por mais contraditório que pareça, a implantação do isolamento como padrão para as relações humanas.

Ao participar das redes sociais acreditamos ter muitos amigos à nossa volta, sermos populares, estarmos ligados a todos os acontecimentos e participando efetivamente de tudo. Isso é uma verdade, mas também uma ilusão, porque essas conexões são superficiais e instáveis. Os contatos se formam e se desfazem com imensa rapidez; os vínculos estabelecidos são voláteis e atrelados a interesses momentâneos.

Além disso, as relações cultivadas nas redes sociais se baseiam na virtualidade, portanto, no distanciamento físico entre as pessoas. Isso nos permite, com facilidade, entrar em contato com as pessoas e afastá-las quando bem quisermos. Tal virtualidade garante comunicação sem intimidade. Em 1995, quando as redes sociais nem sequer eram cogitadas, o filme americano *Denise Calls Up* (*Denise Está Chamando*) já apresentava uma crítica às relações estabelecidas entre as pessoas através dos recursos da época: computador, telefone e aqueles enormes celulares. Os personagens eram alguns amigos que se comunicavam continuamente, mas tinham muitas dificuldades e até mesmo aversão de se encontrar pessoalmente. Também namoro e sexo aconteciam virtualmente.

Nunca me esqueci desse filme, impressionada que fiquei com a possibilidade, hoje tão iminente, de mutações essenciais nas condições de nossa existência. O que aconteceria conosco se não precisássemos mais da proximidade física de uns com os outros? O que morreria em nós, se essa proximidade deixasse de acontecer? Quando Hannah Arendt, pensadora contemporânea da política, analisou os totalitarismos do século passado, apontou para o projeto desses sistemas de tornarem os homens supérfluos. Para tanto, entre outros expedientes, mantinham as pessoas isoladas umas das outras.

Separavam-nas de seus familiares, de suas comunidades, inclusive das pessoas com quem coabitavam nos galpões dos campos de concentração, instaurando entre elas a suspeita e o medo de delações. Isolavam classes sociais promovendo contendas e animosidades entre elas. Isolavam as pessoas do seu próprio eu, exaurindo-as com trabalho e mantendo-as doentes e famintas. O isolamento torna os indivíduos manipuláveis e controláveis, como coisas. Os sistemas totalitários sabem muito bem que, isolados, os homens perdem a capacidade de se expor e de agir. Na nossa atualidade o isolamento tem um perfil diferente, porque é mais voltado para a intensificação do individualismo, cujos interesses afastam-se a cada vez mais das questões sociais. As recentes manifestações populares embora devam sua ocorrência às redes sociais, mantêm o caráter do individualismo e do isolamento, pois os participantes não criam vínculos entre si. Expressam suas opiniões, caminham juntos, mas é só isso.

Arendt tem por pressuposto de suas análises a condição humana da pluralidade, ou seja, o fato de vivermos entre homens e jamais chegarmos a ser nem um ser humano nem mesmo os indivíduos que somos longe da companhia dos outros. Os outros, tanto quanto o ambiente em que vivemos, nos constituem, daí que, se o distanciamento interpessoal for se estabelecendo como nova condição de existência, nossa própria humanidade poderá sofrer o impacto de uma mutação. Os próprios equipamentos para acesso às redes, que estão conosco o tempo todo e exercem intenso fascínio sobre nós, corroboram com esse isolamento. Tenho ficado irritada com muitos de meus alunos que ficam consultando seus celulares e notebooks durante as aulas, como se estivessem fazendo anotações, mas acho que estão ligados às redes sociais. Talvez as aulas, sobretudo as de Filosofia, sejam muito chatas. Nelas não se pode pular de um assunto para outro, nem entrar em contato com múltiplas informações ao mesmo tempo, como se faz nas telas do computador, nem ficar livre de esforços do pensamento com análises e reflexões. Nas aulas não se pode passar por alto dos assuntos e situações.

Já em 1927, em seu livro *Ser e Tempo*, Martin Heidegger percebia esse comportamento cotidiano dos indivíduos de tomar tudo pelo aspecto e o nomeou de “avidez de novidades”. O que interessa é sempre a próxima novidade, o próximo assunto, a próxima notícia... Também identificava como “falação” um comportamento complementar: todos falam sobre tudo, sabem de tudo, mas não compreendem nada em profundidade. Parece que “falação” e “avidez de novidades” estruturam a participação nas redes sociais. As pessoas já estão acostumadas a comentários rápidos e superficiais sobre tudo e todos. É fácil ver nesses comentários a preocupação de cada qual em simplesmente dar sua opinião, mais do que ouvir a alheia. A opinião do outro é apenas a oportunidade para se expressar a sua própria.

O outro parece importar, mas de fato não importa. Importam apenas a própria posição e a autoexposição. Daí a constante informação sobre as viagens, os pensamentos, as emoções, as atividades de alguém. É preciso estar em cena e sempre. Há nisso um evidente desenvolvimento do narcisismo e, conseqüentemente, do reforço do distanciamento entre as pessoas. Faz parte desse narcisismo o fato de as pessoas terem de tratar a si mesmas como se fossem mercadorias. Em alguns de seus escritos, Zygmunt Bauman tem apontado para a necessidade das pessoas, sobretudo dos jovens, de se ocuparem sobremaneira com sua imagem nas redes sociais. Elas precisam escolher as fotos que melhor as apresentem, que as tornem atraentes e desejáveis. Aquelas que não souberem se vender correm o risco da invisibilidade e da exclusão.

Meu propósito, aqui, foi apenas o de levantar dados para uma reflexão. Mas quero acentuar que essas tendências das redes sociais – a virtualidade, o distanciamento, a superficialidade, a superfluidade do ser humano, a exposição narcísica, a ilusão de intimidade e popularidade, a “falação” e a “avidez de novidades”... – constituem o padrão de isolamento das relações pessoais. E quanto mais isolados, mais ficamos à mercê de controles e manipulações. Cada vez mais ameaçados na autoria do nosso destino pessoal e político.

DULCE CRITELLI é psicanalista e escreve periodicamente para esta publicação. Revista CARTA NA ESCOLA, Janeiro de 2014.